

O SOFÁ ESTAMPADO - UMA FÁBULA MODERNA

RESUMO

O trabalho visa a analisar a estrutura fragmentada da novela de Lygia Bojunga Nunes, *O sofá estampado*, bem como os valores literários, éticos e/ou ideológicos que configuram o texto.

RESUME

Ce travail se propose d'analyser la structure fragmentée du texte de Lygia Bojunga Nunes, *O sofá estampado*, ainsi que les valeurs littéraires, éthiques et/ou idéologiques qui construisent le texte même.

* Professora de Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo.

"... o relacionamento entre o Escritor (genuíno) e o Leitor (genuíno) está carregado de magia. É impressionante a química que se processa entre um e outro, produzida por aqueles sinais fabulosos: as letras. /.../ é um relacionamento para ser aprofundado à distância (do Autor) e, sobretudo, para ser feito através de um mensageiro: o personagem criado."

(Lygia Bojunga Nunes em entrevista dada a Laura Sandroni, *De Lobato a Bojunga*. R.J., Agir, 1987. p. 173)

É essa, sem dúvida, a força energética que, nos livros de Lygia Bojunga Nunes, cria aquela atmosfera mágica que envolve e arrasta o leitor, desde as primeiras linhas. Escritora em contínuo processo de aperfeiçoamento estilístico/cultural, Lygia encontra um de seus mais altos momentos de criação na saborosa novela, *O Sofá Estampado*¹. Verdadeira e contundente sátira à nossa atual Sociedade-de-Consumo-e-Lucro, e através da mesma linguagem oralizante/culta, sugestiva, ágil e descontraída que Lygia vem utilizando desde seu primeiro livro (e aperfeiçoando de título para título...), conta-nos a comovente/grotesca estória de amor do tatu Vitor pela gata angorã, Dalva.

Destinada ao público juvenil, este *O Sofá Estampado* é desses livros que "agarram" também (e muito!) o leitor considerado "adulto"... e, sem dúvida, pelo encanto imediato com que a linguagem ficcional criada nos envolve. Nela se integram todas as conquistas técnicas das vanguardas deste século e também os "desvios da norma lingüística" que cada vez mais vêm-se incorporando à maneira de falar e de escrever a língua portuguesa no Brasil. O parágrafo que abre o livro ilustra bem o que afirmamos:

Teve gente que achou esquisitíssimo uma gata angorã namorar um tatu, e os dois ficam assim tanto tempo num sofá estampado, ainda mais com a tevê ligada.

- Pensando bem, tem coisa muito mais esquisita. Foi o que a Dona-de-Casa falou quando começaram a comentar o caso... E botou uma pedra no assunto. E não quis saber de fofoca. E achou melhor não contar pra ninguém o choque que ela tinha tido quando...

Como vemos, aí estão *desvios de norma* (o uso do TER por HAVER; do PRA por PARA) e construções rejeitadas pela norma culta (a seqüência de coordenadas aditivas, com a reiteração E... E... E...), que a autora explora com muita habilidade, imprimindo *vacuidade oral* ao texto escrito. Aliás, como já tivemos ensejo de dizer em outras ocasiões, um dos pontos altos do estilo criada por Lygia Bojunga Nunes está na exploração inteligente da oralidade da linguagem familiar ou da popular, conduzida por um excelente domínio da língua culta. Note-se, ainda, que essa *oralidade* vai influir na própria natureza do registro narrativo, uma vez que a "voz narradora" interfere familiarmente na seqüência novelesca, com um *ã vontade* bem distante das "normas" tradicionais. Leia-se, por exemplo, o que se segue ao fragmento acima registrado, quando a "voz narradora" fala do choque que a "Dona-de-Casa" levou ao conhecer o namorado de sua gata.

Que choque! É claro que ela queria pra Dalva um namorado bem angorã, mas já que a Dalva não queria, pelo menos ela queria pra Dalva um namorado assim... sabe como é que é, não é? assim... como é mesmo que ela ia explicar?... assim, feito, ah, ela não sabia explicar direito, mas um bicho diferente do Vitor. Não era por causa do focinho comprido, não, de jeito nenhum. Nem por causa da carapaça. Ela não usava vestido? a Dalva não usava pêlo? então? por que que o Vitor não podia usar carapaça? Claro que podia, ué, cada um usa o que quer e pronto.

E a "fala" (que é de uma 3a. pessoa-narradora) continua: expondo fatos, comentando pensamentos da Dona-de-Casa, justificando-os, respondendo a possíveis opiniões do leitor, etc., numa atitude de tal maneira familiar e próxima de quem lê, que o texto resultante parece ter fixado "conversas cruzadas" numa reunião, onde várias pessoas falam ao mesmo tempo. Daí as frases

interrogativas, as reticências, os pensamentos interrompidos, as interpelações ao possível interlocutor, etc., características da *fala* (e não da *escrita*).

No parágrafo inicial, transcrito acima, temos como índice de *técnica moderna* a entrada abrupta no argumento, sem nenhuma preparação explicativa, acerca de quem eram a "gata angorã" ou o "tatu", ou de como começaram a namorar. A narrativa se abre com essa "situação" já em processo ("ficaram assim tanto tempo num..."). Note-se, ainda, a objetividade que, apesar da fragmentação, predomina em toda a narrativa: nesse primeiro parágrafo já se revela o "motivo" principal da trama (o namoro do tatu e da gata); o *espaço* privilegiado, onde se vão desenvolver as relações amorosas (num sofá estampado) e o *obstáculo* maior a essas relações (tevé ligada).

Novamente, a estrutura que serve de base à montagem dos episódios é a *fragmentação* (a estrutura característica dos demais livros da autora). Porém, (ao contrário do que acontece em *Angélica*, por exemplo, onde a fragmentação predomina pela *ausência de um centro* e assim prejudicando a apreensão global dos acontecimentos), aqui a autora consegue estabelecer a unidade narrativa, dando organicidade interna aos fatos, a partir do *eixo dramático* constituído pelo tatu Vitor, com suas fobias, timidez, sonhos, generosidades, amor e frustrações... e acima de tudo, sua aprendizagem da vida.

Tal como os demais livros de Lygia Bojunga, este *O Sofá Estampado* pode ser incluído entre os "romances de aprendizagem" de que a literatura para crianças, jovens e adultos é fértil. Na verdade, não podemos escapar da grande "lei da vida": *aprender, aprender, conhecer, saber...* impulsos esses que começam com o nascimento do nenê e só terminam com o último ato de viver, - o de *nossa* passagem deste plano para o outro (para aquele que, apesar de todo o conhecimento conquistado pelo homem, continua a ser um Mistério...).

É, pois, no encaicho de compreender o mundo, a vida, os outros, a tarefa de cada um e a morte (não como cessação de vida, mas como transformação) ... que se vão desenvolvendo os múltiplos episódios desta recente fábula/farsa de Lygia Bojunga Nunes.

Quanto ao tratamento de "fábula", dispensado aos animais, neste *O Sofá Estampado*, já se apresenta mais seguro. Na transfi

guração simbólica, não confunde aspectos da humanidade a ser representada e as peculiaridades dos animais escolhidos para representá-la, como aconteceu em *Angélica*. Nesta nova fábula, já não encontramos os equívocos da identificação animal/homem que é uma das fraquezas literárias daquele livro. Uma análise comparativa entre as duas obras provaria isso com facilidade.

Quando à análise dos valores literários, éticos e/ou ideológicos que servem de lastro a este *O Sofã Estampado* e fazem dele outra grande criação literária da autora, nos limitaremos ao registro de certos tópicos:

1. Quanto à natureza da fábula que dá corpo à intenção ideológica do texto (e que já foi usada pela autora em *Os Colegas* e *Angélica*), continua apresentando as mesmas características de modernidade, bem diferentes da tradicional. Identifica-se cada vez mais com o processo do Realismo Mágico, tão em voga atualmente, e que entre nós foi criado, na literatura adulta, nos anos 40, por Murilo Rubião (leiam-se, dele, os contos "Os Dragões", "Teleco, o Coelhoinho", "Alfredo"...); e também adotada, a partir de 1959, por José J. Veiga (v. *Os Cavalinhos do Platiplanto*). Tendência que desemboca nos domínios do "realismo absurdo" e cuja identificação, aqui feita, com a produção de Lygia Bojunga, não indica, de forma alguma, uma identificação de consciência-de-mundo (obviamente, bastante distintas da que alicerça a literatura infantil/juvenil). Nos autores citados, a cosmovisão é de raiz trágica (denuncia um Mal inevitável e insolúvel a ameaçar eternamente o Homem). Em Lygia Bojunga, a consciência-de-mundo é de raiz crítica (denuncia "erros" perfeitamente evitáveis, se os valores a serem propostos como objetivo aos homens, forem outros). Em outros termos, na linha dos escritores citados, a gênese da tragédia humana está na própria condição humana, - na Lygia e em outros autores da mesma linha, tal gênese está na Sociedade: a primeira, portanto, é imutável; a segunda, é passível de mudança, desde que se alterem os dados do Sistema.

Quanto à natureza da nova fábula, note-se que se identifica com o mundo do Realismo Mágico ou Absurdo, pela naturalidade de convívio entre animais e homens; a mesma ausência de espanto diante do "absurdo" de certas situações... mostrando, em última análise, que diante de um mundo, como o atual, que ultrapassa totalmente nossa capacidade de compreensão, tudo passa a ser

possível de acontecer...). Essa naturalidade diante do "impossível" faz com que o universo se apresente aos leitores, como um campo em total disponibilidade para *ser* o que dele quiseram *fazer*. Sem limites, sem fronteiras, nele todas as atuais relações entre seres e coisas poderão ser mudadas, desde que se mudem as "regras do jogo"... E para isso, a literatura sintonizada com os novos valores é o melhor instrumento de orientação...

2. Quanto às críticas ao sistema vigente, mas já superado pelas novas idéias, temos a repetição do que já foi denunciado nos livros anteriores.

a. *Reação contra a educação dogmática e autoritária exercida pela Sociedade e pela Família tradicionais.* (Entre os signos dessa reação, está o "engasgo" de Vitor e seu impulso de "cavar", - tão inteligentemente explorados pela escritora. E está também sua resistência passiva, e depois ativa, ao "projeto de vida" que o pai tenta lhe impor).

b. *Visão negativa da Escola.* Lygia Bojunga volta a insistir no desvalor ou negatividade da Escola, como influência prejudicial sobre o aluno. Como já dissemos antes, esse enfoque radical no desvalor da Escola resulta um mal para a consciência-de-mundo do jovem leitor, pois leva-o a identificar uma *escola degradada* (por inadequação aos ideais que devem ser dinamizados hoje) com a *Escola como Ideal*, que deve ser almejado pelas crianças... É um difícil problema que está a exigir da escritora, urgentemente, uma nova solução literária...

c. *Denúncia da passividade ou robotização que ameaçam a humanidade em geral,* pelo poder sugestivo dos "meios de comunicação de massa" (principalmente o da Televisão), manipulados pelos interesses da Sociedade-de-Consumo-e-Lucro que comanda todo o mundo civilizado. Monopolizando totalmente a atenção e o interesse dos espectadores, anulam por completo sua *liberdade de pensar livremente, de ser, fazer ou estar-no-mundo*. (Denúncia metafórica, esplendidamente, na absurda atitude da "gata angorã, Dalva", premiada e endeusada como uma grande heroína; e que, afinal, não passa de uma triste prisioneira do vídeo. Através dessa situação risível e absurda, a autora denuncia a melancólica

degradação dos altos valores em nosso mundo de aparências e falsidades luminosas).

3. Quanto aos *sentimentos degradados* que, infelizmente, continuam prevalecendo neste nosso mundo que se desmorona, a autora insiste no *individualismo egoísta* que fecha cada um em si mesmo e o torna surdo para a verdade ou as necessidades do *outro*.

4. Como antítese desse egoísmo individualista, surge uma personagem nova no universo ficcional da autora: o *indivíduo engajado na luta político-social*, em seu sentido mais amplo de *participação plena no processo cultural da Sociedade*. Redimindo os adultos, em relação à visão negativa através da qual, via de regra, os enfoca, Lygia corporifica essa nova personagem positiva, na "avó de Vitor". Escolha sobremaneira feliz, pois abre o espaço da ação a uma *mulher* que, ao mesmo tempo, representa uma *classe* marginalizada na Sociedade, a *dos velhos*.

Um dos grandes achados deste *O Sofá Estampado* é, a nosso ver, a presença da "Vó do Vitor". Uma personalidade dinâmica que rompe totalmente com o estereótipo (social e literário) da "avó ideal": aquela criatura maternal, receptiva, parada no tempo... fixada para sempre num espaço familiar amoroso, sempre pronta a servir de refúgio, defesa, apoio... A *nova avó* é o inverso da imobilidade antiga: é instável, vive em contínua mobilidade...

Desde pequena ela tinha mania de viajar; queria por força conhecer o mundo. E queria conhecer tudo de tatu: como é que eles eram antigamente, o que que eles comiam, onde é que tinha vivido o primeiro tatu.

Foi ser bandeirante, excursionista, bolista. Só pra viver pra baixo e pra cima. Voltava pra casa com um monte de histórias pra contar. Estudou arqueologia; viajava cada vez pra mais longe, fazendo escavação, pra ver se descobria placa ou unha ou qualquer coisa de tatu de antigamente; um dia casou com o Arquimedes, que era um tatu arqueólogo também. (p. 49)

Aí temos a nova mulher. A que abandona a segurança das quatro paredes do lar e se lança pelos caminhos do mundo (e da Sociedade) tentando participar ativamente da vida-em-processo. E

a autora, bem consciente da principal consequência negativa dessa alteração de comportamento (que se liga à ausência da mulher no lar, onde, dentro do sistema tradicional que ainda é o nosso, ela é tão necessária...), mostra uma nova faceta do problema: o exemplo ou a *inspiração de seguir um ideal na vida*, que ela transmite ao neto.

E mais. A narrativa nos mostra que, apesar de sua ausência física, a "Vó de Vitor" é a presença mais atuante no espírito do neto, no sentido de despertar suas potencialidades latentes. A lembrança da avó é, nele, um surdo mas contínuo apelo a algo muito positivo. Inclusive, a *morte da avó*, longe de resultar em vazio doloroso ou ausência negativa, transforma-se em impulso para a vida. É o que fica claro para o leitor, no momento em que Vitor reencontra a "maleta" perdida. Dentro da trama novelesca ou fabular, a "maleta" da avó assume a função de símbolo de uma vida criadora, engajada na Aventura de Viver descobrindo... (Note-se que a *maleta* ou *mala* ou *bolsa* assumem, nos livros de Lygia Bojunga, a função de símbolo de vida criativa). Para o Vitor foi como se a própria avó tivesse voltado.

O Vitor ficou muito tempo lendo devagar - bem pensado o diário da Vó e tudo que é anotação que ela tinha feito. Examinou as idéias que a Vó curti; as coisas que ela tinha descoberto como arqueóloga e ele nem sabia. Aos poucos, devagarinho, *foi dando vontade de começar onde a Vó tinha parado.* (p. 148) (grifos nossos)

O novo apelo de vida não é como o antigo, - voltar para casa e ali permanecer seguro e imóvel para o resto dos dias... mas, sim, enfrentar o mundo lá fora. E é animador que seja uma "avó" que transmita essa grande mensagem. Ao que parece, o equilíbrio entre jovens e velhos está em vias de se refazer... por que a distância entre uns e outros começa a diminuir. Sinais da evolução-em-processo.

Concluindo: *O Solã Estampado* de Lygia Bojunga Nunes é das obras plenamente sintonizadas com o momento atual, seja no plano do fazer literário, seja no plano ético e/ou ideológico. É livro passível de mil leituras, pois sua simbologia é aberta. Obviamente, não se limita ao que acima tentamos interpretar...

E há nele muitos aspectos mais a serem analisados, mas que levariam muito longe esta leitura introdutória...

E finalmente destaque-se o enriquecimento desse universo de fábula, resultante dos pitorescos e inteligentes desenhos de Elvira Vigna, - artista plástica de grande sensibilidade e imaginação criadora que vem contribuindo para o alto nível estético da produção brasileira, nesta importante área que é a da Literatura Infantil/Juvenil.

NOTA

1. Publicado em 82, *O Solã Estampado* completou o "conjunto de obra" que, no Exterior, deu à autora a alta consagração do Prêmio Internacional Hans Christian Andersen - 82 e, no Brasil, o Grande Prêmio da Crítica 82, área de Literatura Juvenil, concedido pela APCA - Associação Paulista dos Críticos de Arte; para além de inúmeras outras distinções.